# I - Artigos

# Achegas para uma História da imigração portuguesa em São Paulo: a casa de uma família luso-paulistana

Contributions for a history of Portuguese immigration in São Paulo: the house of a Portuguese-São Paulo family

NELLY MARTINS FERREIRA CANDEIAS (Presidente do IHGSP)

#### Resumo:

Recordações despretensiosas de uma casa de família portuguesa estabelecida em São Paulo, no começo do século XX.

**Palavras-chave:** Portugal; sociedade paulistana; imigração portuguesa.

#### Abstract:

Unpretentious memories of a Portuguese family house established in Sao Paulo, in the early XXth century.

**Keywords:** Portugal; Sao Paulo society; Portuguese immigration.



Ó nostalgia dos lugares que não foram
Bastante amados na hora passageira
Como gostaria eu de lhes dar à distância
O gesto esquecido, a ação suplementar.
Bachelar

Ermelinda e Daniel, meus pais.

Anos atrás, ocorreu-me a ideia de gravar um depoimento sobre a casa luso -paulistana onde nasci e passei minha infância e adolescência, na Av. Brigadeiro Luís Antônio, esquina da Alameda Santos. Na forma de CD, esse documento foi ofertado a parentes e amigos, no dia 17 de dezembro de 2001, com o intuito

de recordar o aniversário de meu Pai, Daniel Martins Ferreira.

O interesse despertado foi tão grande que uma singela lembrança acabou por se transformar no início de um livro de memórias. A ideia me surpreendeu. Depois, acostumei-me a ela e resolvi levá-la a cabo.

Muito embora as fotos antigas já tivessem sido organizadas por minha Mãe, Ermelinda de Sousa Valadares de Moraes Serrão Martins Ferreira, não foi possível concretizar tal devaneio, devido à intensa atividade que assumi, desde 2002, como presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Como despretensiosa colaboração para futuros historiadores que desejem escrever sobre a imigração portuguesa em São Paulo, na primeira metade do século XX, publico estas notas, por sugestão do Prof. Armando Alexandre dos Santos, luso-brasileiro, madeirense de origem, cronista por empenho e coração.

Trata-se da história de uma família portuguesa que se constituiu em São Paulo, em 1920, e aqui se integrou, viveu e construiu seu futuro. Tornou-se bem paulista e bem paulistana, sem nunca esquecer a força de suas raízes luso-brasileiras.

### A casa da avenida Brigadeiro Luís Antônio

Em São Paulo minhas primeiras lembranças são da casa onde nasci, um grande sobrado com porão, na Av. Brigadeiro Luís Antônio, 2396, esquina da Alameda Santos.

Foi projetada por Ricardo Severo, arquiteto português e republicano convicto. Participou no Porto de revolução que visava a derrubar a monarquia em Portugal. Fracassado o movimento, veio para o Brasil, passando a trabalhar no escritório Ramos de Azevedo. Notável arqueólogo, primoroso escritor e conferencista, formou-se pela Escola de Engenharia do Porto. Membro da Academia de Ciências de Lisboa e fundador da Revista Portugália, notabilizou-se por trabalhos de pesquisa arqueológica, nela publicados. Erudito e culto, foi um exaltado patriota e fervoroso nacionalista.

Em 1914, realizou uma série de conferências na sede da Sociedade de Cultura Artística, em 1914, com a intenção de criar no Brasil uma arquitetura brasileira que refletisse a tradição portuguesa. "Se é para copiar estilos, pelo menos vamos copiar o que é nosso". Era a palavra de ordem entre os adeptos da



arquitetura neocolonial, movimento que agregou fervorosos adeptos em todo o Brasil. Ricardo Severo, sócio de Ramos de Azevedo, foi o principal propagador do movimento de São Paulo.

O ponto de partida foi estudar o que existia no Brasil. No início do século não havia inventários do acervo arquitetônico do país. A diversificação da produção arquitetônica, num país com dimensões continentais, tornava difícil transpor esse estilo para áreas urbanas. J. Wasth Rodrigues recebeu uma bolsa de estudos de Ricardo Severo com o intuito do organizar um documentário arquitetônico para registrar nossa herança cultural. Deve-se a esse notável aquarelista o estudo da evolução do mobiliário, cuja origem portuguesa traçou com raro talento.



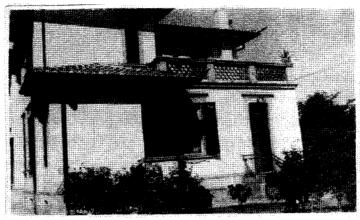
Ricardo Severo, o arquiteto.

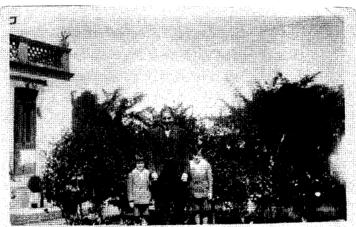
A designação que se dava às casas mais luxuosas de São Paulo, no período final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, era a de palacete. Ao lembrar-me, com saudade da bela casa onde nossa família morou, sinto que esse termo lhe cabe perfeitamente. Hoje são poucas as moradias paulistanas, como essa, que ainda restam. Os imponentes palacetes daquela época, sonhos fugazes de famílias abastadas da velha São Paulo, não correspondem às atuais necessidades dos moradores de São

Paulo. Os descendentes de seus moradores procuram desfazer-se dos móveis e objetos daquela época: estão fora de moda, não se usam mais, as proporções exigem pé direito alto, não há quem trate das coisas e por aí vai.

A casa da família Martins Ferreira foi projetada, como disse, pelo arquiteto português Ricardo Severo e construída em 1925 sob a responsabilidade do Escritório Ramos de Azevedo, como consta em documento no Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo.

Lá se encontram, no processo número de capa 0.011.483 - 1925 / assunto: 008-003/ Edificação Alvará de Construção 3326-1010 r.2032/34, as assinaturas do meu Pai, Daniel Martins Ferreira, e do engenheiro Ricardo Severo, assim como a planta da bela casa, antes de ela ser aumentada.





Ao entrar na casa, pelo portão principal ou pela porta da Brigadeiro, porque havia também um pequeno portão que dava para a Alameda Santos, uma escada de mármore levava a uma varanda em L. À esquerda, esta prolongava-se até a porta de entrada da copa. Sustentada por colunas, a varanda rodeava uma parte da casa, acompanhando a sala de visitas e a sala de jantar. Era ornada com painéis de azulejos, pintados pelo ceramista português Jorge Colaço e que, naquela época, eram queimados nas cerâmicas do Porto. Ao cimo da escadaria de mármore, já na varanda, foram desenhadas, nos azulejos, as iniciais de nosso Pai, DMF. Sobre elas, sobressaía um painel de azulejos com a figura de Santa Isabel, homenagem a nossa Avó, Isabel Maria de Sousa Valadares Moraes Ser-rão.

Um grande hall, com pé direito duplo, era mobiliado com mesa, sofá e pol-



tronas. Havia uma lareira na parede lateral do hall. Sobre ela encontravam-se algumas peças de bronze, estátuas e vasos japoneses, vendidos ao meu pai por Corte Real, um dos poucos antiquários da década de 1930.

O piso do *hall* era de mármore, disposto sob a forma de quadrados brancos e pretos. Saindo dele, havia uma belíssima escada de madeira entalhada, emoldurada por um imponente vitral de pé-direito duplo, da Casa Conrado Sorgenicht.

O hall comunicava-se com uma sala de visitas, que permanecia discretamente fechada, quase como se não fizesse parte da casa, aberta somente em determinadas ocasiões, como, por exemplo, o dia do aniversário de meu Pai, 17 de dezembro.

Nesse dia, os filhos, tocavam música para os amigos da casa em ambiente de estudada solenidade. Para que a memória não se perca, transcrevo aqui programa musical, comemorativo do dia 17-XII-1939, distribuído, com antecedência, aos convidados e familiares.

1ª Parte - Piano

## **Nelly Martins Ferreira**

- R. Schumman, Contadino allegro
- A. Nepomucenos, Minuete

### **Dirce Martins Ferreira**

- E. Toselli, Serenata
- T. Back, O batizado da boneca
- 2<sup>a</sup> Parte Violino

# Milton Martins Ferreira, acompanhado pela Srta. Amália Amore

- R. Schumman
- C. Saint Saens, Le cigne
- E. Toselli, Serenata

O hábito de realizar saraus musicais procedeu da família da minha Mãe, porque os Moraes Serrão tinham visível talento musical. Cantavam, tocavam piano ou guitarra, eram felizes. Havia até quem dançasse e ensinasse a dançar tango.

Faz parte do arquivo da nossa família o programa da apresentação das alunas de Francisca Varejão Castelo Branco, em 31 de maio de 1933, em Vila Real de Trás-os-Montes. Nesse dia, minha tia Alina Rosa de Moraes Serrão, a caçula, tocou ao piano o Momento Musical, de Schubert, e *Für Elise*, de Beethoven.

A sala de visitas comunicava-se, de um lado, com o *hall* e, do outro, com a sala de jantar. Tinha duas grandes janelas com cortinas de renda Guipur, que davam diretamente para a varanda em L - uma para a Brigadeiro e outra para a Alameda Santos. Em datas comemorativas, uma de suas portas abria-se para a sala de jantar, permitindo uma inteligente circulação entre *hall*, sala de visitas, sala de jantar, varanda e copa. Percebia-se ter sido construída tendo em vista uma intensa vida social que se abria para um grupo de amigos, quase todos de origem portuguesa. Meu pai era uma pessoa alegre e comunicativa, que gostava de se sentir rodeado por amigos — bons amigos, poucos amigos.

A sala de jantar, emoldurada por lambris de madeira, dava para uma copa ampla e esta, por sua vez, para a cozinha. Ao lado havia um quarto e um banheiro, ambos utilizados por uma empregada portuguesa, cozinheira da casa, nossa segunda mãe, Augusta Xavier, nascida em Trancoso e que, conosco, permaneceu por mais de 50 anos.

Com ela, e também por muitos anos, permaneceu uma outra empregada portuguesa, a Conceição, que, na prática, funcionava como sua ajudante. Lembro-me delas na grande cozinha da casa da Brigadeiro, lidando na cozinha com vários tipos de fogão, a gás, elétrico e à lenha. No fogão à lenha, colocávamos nossos sapatos e cartas para Papai Noel, na véspera de Natal: "Querido Papai Noel, quero uma boneca bem grande? Quero uma Shirley Temple".

Temos fotos muito antigas delas, Augusta e Conceição, no jardim da casa da Brigadeiro, tomando conta das crianças. Ambas viram pessoas nascerem, viverem e morrerem. Não podem ser esquecidas. Eram pessoas de admirável dedicação e fervoroso amor pela nossa família.

No andar térreo, havia uma saleta, com um lavabo ao lado, onde meus pais costumavam sentar-se depois das refeições, e um escritório com móveis de Henrique Ramos – estantes com vidros bisotês, contendo livros, a mesa e cadeira de meu pai, um lustre rubi, com alguns *gallets* em cima.

A casa possuía sete quartos no piso superior. Três deles davam para uma galeria com poltronas de veludo azul, com relevos, à qual se chegava pela escada de madeira entalhada, que saía do *hall* da entrada. A maioria deles era



intercomunicante, por questão de segurança. Os dormitórios eram mobilados com elegância, sempre com peças produzidas por Henrique Ramos.

Havia ainda o banheiro luxuosíssimo, utilizado por meus pais e por nós, meninas, com piso de mármore formando quadrados brancos e rosas e uma bela estátua de Josephine Bonaparte. Os meninos utilizavam outros dois banheiros, em tom verde.

Os banheiros davam para um corredor onde se encontrava a escada de serviço da casa. Lembro-me de dar saltos arrojados, sobre um dos lances dessa escada, quando brincava de "tudo o que o senhor mestre fizer". Meus primos ficavam impressionados com meu salto de rã, mas não pulavam. Eu sentia um certo medo quando saltava aqueles degraus todos do primeiro lance da escada, apoiando-me no corrimão e na parede, mas gostava da sensação de vitória no jogo "tudo o que o senhor mestre fizer".

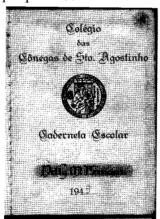
O porão, habitável, era assoalhado. Lá se encontrava um cofre-forte, onde se guardavam pratas, joias e garrafas de champagne Cristal. Ao lado havia uma adega, contendo grande quantidade de garrafas de vinho europeu. Lembro-me de meu pai verificando as condições da adega e do zelo com que mexia nas garrafas aí armazenadas. A adega tinha odor típico de adega.

Também no porão, ao lado da adega, havia um salão com sofá e poltronas de couro e um bilhar, espaço exclusivo e declarado dos meninos da casa. Que atração! Coisas de meninos e não de meninas! Mistério. Mesmo assim gostávamos de descer ao porão, para sentir o gosto da desobediência e penetrar num espaço destinado exclusivamente a meus irmãos e seus amigos.

O porão me atraía. Tinha clima de maçã do paraíso. Voltando para o passado, recordo-me de um episódio curioso que ocorreu comigo e com a minha amiga Pérola da Carvalho no andar do subsolo. Sobre a mesa de jogo, havia um tinteiro comemorativo da Revolução de 32 e cartas misturadas de dois baralhos.

Querendo chamar a atenção da minha amiga, filha de um inteligentíssimo comerciante português que frequentava a casa, perguntei, com voz solene, à espantada Pérola: "Será que satanás está nesta sala? Será que é por isso que não querem que as meninas brinquem aqui? Se eu tirar um az de espadas é porque satanás está aqui neste momento". Pois não é que eu tirei justamente o az de espadas! Pérola e eu subimos a escada em velocidade supersônica. Foi engraçado. Além do *chauffeur* e do jardineiro, serviam à família uma cozinheira e sua ajudante, uma copeira, duas arrumadeiras, uma lavadeira e uma passadeira. As duas últimas não viviam na residência. Passaram aqueles anos lavando e passando, lavando e passando, lavando e passando.

Nesse primeiro período de vida, minhas lembranças dividem-se quase que exclusivamente em dois planos: comemorações (alegrias) e exigências quanto à vida escolar (aborrecimentos). Na casa da Brigadeiro, comemorava-se tudo, em jantares, festas, reuniões muito alegres e elegantes. A par disso, de forma sutil, mas severa, havia exigências quanto ao rendimento escolar dos cinco filhos, avaliado por notas e anotações registradas nas cadernetas escolares: boas notas significavam prêmios, privilégios e afagos; más notas eram acompanhadas por um abanar de cabeça e duras reprimendas. O agrado e o desagrado se manifestavam por comunicação visual pelas sobrancelhas e não por palavras. Revendo nossos boletins do Colégio *Des Oiseaux* e, no caso dos meus irmãos, do Colégio São Luís, posso afirmar que fomos bons alunos, por índole. Ou seria por pressão?



Eu amava meu Pai, a ponto de um dia enviar-lhe um bilhete que deixei sobre seu travesseiro no quarto, onde escrevi:

"Papai, se o senhor não for à missa todos os domingos, o senhor vai para o inferno. Como eu e a mamãe vamos para o céu, nós vamos ficar separados. O senhor vai ficar sozinho no inferno. Nelly" (1940).

A entourage era enorme na casa da Brigadei-

ro. Entre as pessoas que acompanhavam de perto, dia a dia, a educação das crianças Martins Ferreira, encontravam-se Anna Breiholtz, governante alemã, preceptora de meus irmãos, a quem ensinava a língua francesa, e que viveu com a família durante longo período de tempo; D. Grace Sherrington Negri, professora de inglês ("How are you?") e José Cursio Palmieri, professor de português, cuja impecável redação ainda conservamos em cartas.



Deve ter sido um professor competente, pois aos 14 anos de idade, meu irmão mais velho foi indicado para redigir palavras de despedida de período escolar em publicação referente ao ano letivo do Colégio São Luiz.







D. Dadinha de Carvalho

Contraste: foi ele, Palmieri, que me ensinou a amarrar os cordões do sapato, o que na altura me deixou cheia de orgulho: "Mamãe, mamãe, o professor Palmieri me ensinou a amarrar os cordões do sapato"!

Além do sério investimento em línguas, a parte de educação musical também prevalecia no ambiente aristocrático, e quase misterioso, da "sala de visitas": D. Dadinha de Carvalho, filha de Vicente de Carvalho, ensinava piano para meus dois irmãos mais velhos; Torquato Amore ensinava violino para um outro irmão, que desafinava constantemente a Serenata de Toselli, sempre aplaudido pelos meus Pais. Dona Maria da Penha e Dona Iracema Barbosa ensinavam piano para as duas meninas, cabendo à Ermelinda Nogueira, jovem de origem portuguesa, reforçar os exercícios da semana ("*Mamãe, não gosto de estudar escalas*").

Eu me lembro dos amigos que frequentavam a casa da Brigadeiro: o livreiro Joaquim Ignácio Saraiva ("Vamos ver quem acha os chocolates que eu escondi nas salas"), o antiquário Corte Real, com sua bela cabeleira branca, tentando vender antiguidades, o Professor Waldemar Ferreira, que tratava dos negócios da Firma Martins Costa, Flávio de Carvalho, português de Chaves (não o artista plástico), cuja filha única Pérola de Carvalho é até hoje minha amiga, e o engenheiro Ricardo Severo, que construiu a casa da Brigadeiro e de quem tenho vaga ideia.

Era um ambiente de sonho, onde tudo dava sempre certo. E lá ia eu nesses meus primeiros passos, sempre amparada por meus Pais. Eram eles que nos faziam sonhar com um mundo que tinha tudo para dar certo.

Uma costureira portuguesa trabalhava exclusivamente na casa da Brigadeiro e se distraía, e nos distraía, fazendo fantasias de retalhos. Foi ela que, alimentando parte de meus devaneios da infância, e talvez os dela, costurava minhas metamorfoses: quero ser uma borboleta azul, daquelas que colocam em caixinhas de madeira – com asas de tule azul. Não lembra um pouco Chagall? E lá ia eu "voando" pelos espaços do jardim, procurando uma planta onde pousar; ou Cinderela vestida de festa, na "bela" carruagem de caixotes, com sapatinhos (de pano) enfeitados de contas coloridas, puxada pela pajem portuguesa, para a festa no palácio de um príncipe inexistente; índia americana, Capuchinho Vermelho, Branca de Neve, Fada Madrinha, Bruxa Malvada, Bela Adormecida e outras personagens alimentavam a minha imaginação de criança mimada e feliz.

Eu gostava de ouvir estórias. Muitas delas se encontravam no Tesouro da Juventude: "Mamãe, conta de novo a história da galinha de ovos de ouro, do Peter Pan, do feijão mágico, dos três porquinhos, do Pinóquio, da Bela Adormecida! Mamãe, vamos brincar de roda, de Senhora Dona Sancha, de passa -passa três vezes, o último que passar, de tudo o que o senhor mestre fizer".

Eu recitava a "Nau Catrineta" ou, com grande convicção "Ai que saudades que eu tenho, da aurora da minha vida"... como se eu própria não estivesse na aurora da minha vida!

A casa de meus pais era lindíssima – registro inesquecível de minhas primeiras percepções com todas as imagens de descanso e de tranquilidade que acompanham uma infância e juventude felizes. Retorno a ela, casa onírica, ao rever fotografias da década de trinta, que me levam aos mais infinitos devaneios, acompanhados de imagens, sons e odores que não existem mais.

Ali e em seu entorno, teve início meu relacionamento com a cidade de São Paulo, conversando com minhas amigas na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, na Avenida Paulista, andando de bicicleta na Alameda Santos, passeando na Alameda Campinas, na Avenida Joaquim Eugênio de Lima, correndo, pulando corda, brincando de esconde-esconde, de bola, de "tudo que o senhor mestre fizer".

Aos domingos e dias santos, assistíamos missa na Igreja da Imaculada Conceição, onde sempre me encontrava com colegas residentes no bairro.



Faz parte da minha saudade o corso na Avenida Paulista, quando nós, os cinco irmãos, fantasiados e junto com meus Pais, acomodados em um Chrysler Imperial, alguns sentados na capota arreada do automóvel, jogávamos serpentinas e confetes num ambiente de colorida euforia.

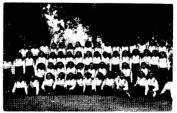
A Avenida Paulista tem muito a ver com minha vida na primeira infância. Sinto saudades, às vezes, do Índio Ubirajara, estátua que, com o alargamento da Avenida Paulista, foi transferida para outro lugar.

Frequentei o Club Athletico Paulistano, na Rua Augusta, cuja piscina me fascinava. Nas águas daquela piscina flutuam lembranças imperecíveis de quem sente no início da vida a existência de um mundo maior e exuberante, ainda por conquistar. Para as crianças tudo parece imenso.

Na rua Augusta, na direção do centro da cidade, localizava-se o Colégio das Cônegas de Santo Agostinho, mais conhecido como *Des Oiseaux*, onde as alunas entravam às oito horas, com uniforme, chapéu e luvas brancas e com a caderneta na mão. Fato concreto de um mundo preciso e disciplinado, mas que me desagradava porque me afastava da minha casa e da presença de meus Pais.







Colégio Des Oiseaux